

CUIABÁ E A INTEGRAÇÃO NACIONAL

Antônio de Arruda

1 - INTRODUÇÃO

Cuiabá é hoje um ponto intermediário e de apoio na ocupação da Amazônia. A partir dela, o povoamento vai-se fazendo rapidamente, e as cidades nascem dentro da floresta, com o deslocamento de vastos contingentes populacionais.

Será esse um novo destino histórico reservado a Cuiabá, semelhante ao outro que ela teve no passado, o da fixação do homem em terras que, de outro modo, hoje, não seriam brasileiras. É este papel por ela desempenhado na integração nacional que será objeto deste estudo.

Cuiabá está perto de completar três séculos de sua fundação e, desde as duas últimas décadas, vem apresentando notável desenvolvimento. São múltiplas residências que se constroem, edifícios que se erguem, hotéis, cinema, escolas (inclusive duas Universidades), estabelecimentos comerciais, industriais e bancários que se fundam; bairros novos vão surgindo e a cidade se estende em todas as direções. Ônibus e caminhões chegam saem diariamente, ligando a Capital a outras cidades do Estado, assim como a São Paulo, Rio, Brasília, Norte do País.

2 - CAUSAS DO ATUAL DESENVOLVIMENTO DE CUIABÁ

A que se deve este surto de desenvolvimento? Em grande parte à obra gigantesca do Marechal Rondon. Abrindo novos caminhos e propiciando as comunicações com outros centros do País, Rondon criou amplas perspectivas a Mato Grosso, em geral, e a Cuiabá em particular.

Como sabemos, Cuiabá nasceu da febre do ouro, que levou os bandeirantes paulistas a embrenhar-se pelos sertões (1719). Foi essa uma forte motivação que permitiu vencer o primeiro grande antagonismo: os índios, sobretudo os ferozes paiaguás e coxiponés. Mas, estancando ou diminuindo o ouro, que era o atrativo principal, seria de se esperar que a cidade e toda a

região se estiolassem e desaparecessem. Foi o que aconteceu com Vila Bela, mais ao Norte, por algum tempo a Capital do Estado e que, após breve esplendor, entrou em regime de mera sobrevivência, em constante luta com as endemias.

Quanto a Cuiabá, superou todas as dificuldades. Eram imensas as distâncias só vencíveis em caminhadas de meses, em que o meio mais rápido eram as tropas de muares.

Mais de um século depois da fundação da cidade é que se franqueou a navegação através dos rios Paraguai e Cuiabá. Ainda assim, a viagem durava um mês, ou mais, de Cuiabá ao Rio de Janeiro, passando por Assunção, Montevidéu e Buenos Aires.

Essa abertura para o Atlântico, através do Paraguai, representou grande esforço da nossa diplomacia. O Estado vizinho só cedeu a muito custo, e, ainda assim, as negociações deixaram-lhe ressentimentos. Estaria aqui, como pensam alguns historiadores, uma das causas remotas da futura guerra, tanto que o primeiro ato de hostilidade de Lopes foi o aprisionamento, em Assunção, do navio brasileiro que levava para Mato Grosso o Presidente da Província, Carneiro de Campos.

Quanto à falta de comunicações, basta dizer que, em 1889, a cidade comemorou, a 2 de dezembro, o aniversário do Imperador: ainda não havia chegado até lá a notícia da Proclamação da República.

Daí a importância do trabalho hercúleo de Rondon, levando as linhas telegráficas até aquelas longínquas regiões. Isto já foi coisa deste século. Também deste século (1914) foi a ligação do Estado por via férrea, ou seja pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, até Porto Esperança, mais tarde, até Corumbá,, conjugando-se com a Brasil-Bolívia, de Corumbá a Santa Cruz de la Sierra, no país vizinho.

A Noroeste do Brasil trouxe enormes benefícios ao Estado de Mato Grosso, transformando-se em elemento propulsor de alguns núcleos importantes de povoamento. Fundaram-se algumas cidades, enquanto outras receberam notável impulso, especialmente Campo Grande, Dourados e Aquidauana.

Mas tudo isso ficou circunscrito ao Sul do Estado. Cuiabá e outros municípios do Norte pouco se beneficiaram das vantagens dessa ferrovia. Ocorre que esta dependia da interligação com o sistema do transporte fluvial, que entrou em colapso, à semelhança do que aconteceu com as aquavias, em

sua quase integralidade, em todo o País.

O Centro-Oeste é uma das regiões mais aquinhoadas, no que concerne às vias naturais de transporte. As bacias dos rios Paraná e Paraguai constituem manancial que, se aproveitado, seria suficiente para atender a todas as necessidades da região e incrementar seu rápido desenvolvimento. Estudos tem sido feitos, mostrando como poderia ser aproveitado esse potencial, para formar uma poderosa rede de navegação fluvial.

Dentre esses estudos, destacaremos o que resultou da Conferência realizada na Capital paulista com o fito de solucionar os "Problemas da Bacia do Paraná", e de que participaram os Governadores dos Estados interessados: - São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás, Paraná e Santa Catarina. Oportunas sugestões foram então propostas, mas todas caíram no olvido, pelo menos as que se referiam à navegação fluvial, quais sejam:

1) Desenvolvimento da navegação do alto e do baixo Paraná e seus tributários, com a conseqüente instalação de estaleiros, construção de portos e escola de práticos pilotos.

2) Conjuação do plano rodoviário com o sistema fluvial, tendo em vista os vários pontos econômicos da região.

3) Estudo sobre as possibilidades de unir a bacia do Paraná à do Amazonas.

A ruína da navegação fluvial aumentou o isolamento do Norte do Estado e, com ele, o da Capital, que atravessou longo período de estagnação econômica.

Essa situação modificou-se com a abertura de rodovias de penetração, iniciadas no governo do Marechal Dutra, recrudescidas após a fundação de Brasília. Estabeleceu-se um ciclo de colonização intensiva, sob o estímulo de terras férteis e dos novos meios de transportes. Partiu daí, principalmente, o surto de desenvolvimento que refletiu em todos os campos de atividades .

3 - O PAPEL DE CUIABÁ NA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Em face de todos esses obstáculos, que assinalamos, dir-se-ia um milagre a sobrevivência de Cuiabá. Mas não houve milagre. Houve determinação. As dificuldades enrijeceram aqueles pioneiros que para lá foram, inicialmente em busca de ouro, e que por lá ficaram, e que depois se espraíram,

fundando outros núcleos populacionais adjacentes. Foram surgindo, assim, cidades como Diamantino, Livramento, Santo Antônio do Rio Abaixo (hoje Leverger), Poconé.

Por outro lado, aos portugueses interessava a posse daquela região que a letra dos tratados mencionava de modo vago e impreciso. A velha animosidade entre Portugal e Espanha ressurgiu nas terras virgens de Mato Grosso, desdobrando-se em lutas infundáveis. Foram então fundadas algumas cidades, com intuito nitidamente estratégico de fortalecimento militar. Assim ocorreu, no período colonial, com Cáceres, Corumbá e Miranda. Mais tarde, já na fase imperial, outras cidades tiveram o mesmo objetivo, como Nioaque e Dourados.

Mas, como vivificar tais cidades criadas assim tão artificialmente, por imposição governamental? A Cuiabá caberia essa missão, que veio incorporar considerável trato de terra à comunidade nacional. Dela partiram os elementos destinados a garantir o domínio da terra. No conflito com o Paraguai, foi de lá que saíram os contingentes que iriam liberar o Sul do Estado da ocupação inimiga.

Assim, durante quase duzentos anos, Cuiabá exerceu papel de relevância político-militar, no plano da unidade nacional. Muito lhe deve a doutrina do "uti possidetis", que garantiu ao Brasil grande parte de seu território.

Os mais esquecidos desses fatos são os próprios mato-grossenses. O Sul, principalmente na área mais nova, que teve progresso mais rápido, nem sempre viu com boa sombra os irmãos do Norte. Durante décadas, os sulistas adotaram atitudes divisionistas, mediante, às vezes, campanhas ostensivas. Ultimamente, conseguiram seus objetivos, com a criação do Estado do Mato Grosso do Sul, o que trouxe indisfarçável frustração à maioria dos cuiabanos e de outros habitantes do atual Estado de Mato Grosso.

Sob o aspecto psicossocial, constituiu-se também Cuiabá num centro importante de influência para toda a comunidade mato-grossense. Grande foi sua contribuição na gênese e desenvolvimento de outras cidades do Estado. Muitas famílias de lá emigraram, especialmente para o Sul, onde se estabeleceram e cujos descendentes atestam a vitalidade de seus ancestrais. Além disso, como responsável pela direção política e administrativa, era Cuiabá que provia naturalmente a maioria dos cargos, assim como de suas escolas é que comumente saíam os professores que levavam a alfabetização a toda parte.

Na realidade, desde cedo, Cuiabá transformou-se numa concentração urbana perfeita e sadia. Foi este um fenômeno peculiar à região das minas, como já observara Oliveira Viana. Em outros núcleos, a vida rural sobrepujava a cidade, ficando esta sujeita a vegetar, com uma população mesquinha e marginalizada. Já nos centros de mineração, as cidades passaram a haurir toda a seiva das riquezas concentradas na região (Oliveira Viana, Instituições Políticas Brasileiras, 1949, 19 vol., pág. 143).

A esse respeito, João Ribeiro nos ensina que: *"Em duas gerações apenas, a terra do ouro realizara com maior pompa o que dois séculos de colonização e de lentos sacrifícios haviam feito para as outras capitânias"* (História do Brasil, IIª ed., pág. 291).

Não admira, pois, que, em plena hinterlândia, Cuiabá se tenha distinguido por apreciável índice cultural. Neste ponto, viajantes dos mais qualificados deixaram consignada a sua surpresa. E muitos por lá ficaram, enfeitiçados com os encantos da "terra agarrativa", como lhe chamou um deles, Augusto Leverger, depois Barão de Melgaço.

Bretão cuiabanizado foi o epíteto que a Augusto Leverger deu o historiador Virgílio Corrêa Filho, seu ilustre descente. Leverger foi um dos oficiais estrangeiros que serviram na Marinha do Brasil, destacando-se nas lutas do Prata, após a Independência. Em 1829, foi para Cuiabá organizar uma flotilha para a defesa das fronteiras com o Paraguai. E de lá nunca mais saiu. Naturalizando-se brasileiro, ocupou diversos cargos, inclusive o de Presidente da Província e Comandante das Armas. Foi talvez o único naturalizado a exercer tão altas funções, no Brasil. Quando constou que os paraguaios, que já ocupavam o Sul, invadiriam Cuiabá, e ante o pânico iminente, Leverger preparou uma expedição e foi esperar o inimigo em Melgaço. O seu imenso prestígio levantou o moral da população e conteve os paraguaios. A esse feito deveu ele as honras de Barão de Melgaço.

Outro estrangeiro famoso que manifestou favoráveis impressões sobre Cuiabá foi o Dr. Karl Von Den Steinen, o primeiro explorador do rio Xingu. Esteve ele em Cuiabá em 1884, e retratou a tranquilidade dos seus 18.000 habitantes daquela época - tranquilidade só perturbada uma vez por mês, com a chegada do vapor, mensageiro das notícias do século XIX. Descreveu Steinen o ambiente social, as festas, as visitas, a hospitalidade cuiabana, os pianos (cerca de 80), o guaraná e o cigarro de palha.

O cigarro de palha ficou hoje confinado no interior, mas o guaraná ainda persiste. É de impressionar como se tenha arraigado o hábito desta bebida, vindo de tão longe - do Amazonas, até há pouco tempo após dar volta ao Atlântico. Desde os lares mais pobres até o Palácio dos Governadores hospedam-se as visitas com a deliciosa bebida.

No seu isolamento, Cuiabá pôde manter a herança cultural que recebeu dos colonizadores portugueses. A sua arte barroca, os velhos sobrados, as taipas socadas que resistiram até há poucos anos; os santos, os móveis, a prataria, os objetos de ouro, todo um opulento manancial de valores antigos que os especuladores foram adquirindo a preço vil, tudo são relíquias de um passado de que, no Brasil, quase já não se tem lembrança.

A própria língua guarda ainda conotações estranhas ao falar do brasileiro de outros lugares. Citaremos alguns casos.

A palavra fortuna conserva ali o sentido clássico de sorte, felicidade, acaso. Sabemos que atualmente este termo passou a designar riqueza. Esta maneira de dizer, imitada dos franceses, explicasse pela concepção moderna da vida, eminentemente hedonística. Se fortuna significa sorte, e se a sorte, a felicidade está no dinheiro - sorte grande não é o prêmio maior da loteria? - segue-se que fortuna deve também exprimir o dinheiros riqueza.

Mas, em Cuiabá, principalmente no interior do município, ignora-se esta evolução semântica conversando com um lavrador, perguntamos-lhe quanto de cereal esperava colher na próxima safra.

- Isso depende da **fortuna**.

Da sorte, queria dizer ele, dando à frase um colorido clássico.

Ocorre-nos também, a esse respeito, espanto de Roquete Pinto, em Corumbá,, ao indagar de uma velha onde morava o inspetor da alfândega, e ouvir dela:

- Conheço o inspetor, mas não sei onde ele está **assistindo** (Rondônia, 4ª ed., página 81).

Adverte, com razão, o auto de Rondônia que a imensa maioria dos brasileiros já não emprega assistir na acepção de morar. Realmente, para encontrar essa palavra com tal significado, o brasileiro em geral terá de ler os livros de Vieira, Camilo, ou pelo menos de Coelho Neto.

Nesse lance, citou-se Corumbá, onde a situação é idêntica. Das cidades mato-grossenses, Corumbá é a que mais se aproxima de Cuiabá pela

semelhança de costumes. Isto se explica pela contínua corrente migratória que tem fluído da Capital de Mato Grosso para aquela cidade.

Ainda a respeito de assistir, em Cuiabá, na linguagem usual, esta palavra sugere propriamente a idéia de permanência rápida e designa o ato de moradores de outros lugares que para lá vão passar algum tempo com parente ou amigo. Feição típica da hospitalidade cuiabana, maior outrora, visível, porém, atualmente .

Assim, uma das primeiras perguntas que se dirige ao recém-chegado é: - Onde é que você está assistindo?

No entanto, convém observar, alguns traços que individualmente são virtudes, socialmente podem tornar-se negativos. A hospitalidade cuiabana está nesse caso, pois retardou a construção de bons hotéis na cidade. O costume de "assistir" em casa de parentes ou de amigos dispensava a utilização dos poucos e precários hotéis existentes. Com a subdivisão das antigas casas grandes, o costume vai desaparecendo, e, nas últimas décadas, surgiram belos e confortáveis hotéis.

Outra expressão muito comum é a **reio** - como, na frase, trabalhar a reio (a fio) - que os cuiabanos ainda usam, como Frei Luiz de Souza.

Registram-se também falares exclusivamente cuiabanos, ou de pouco uso em outras regiões: **chiriri** (pequena porção); **intá!** (interjeição: toma!); **violento** (depressa: vai e volta, violento); **entojado** (saciado); **ucharia** (lugar nas festas onde se guardam as bebidas).

O cuiabano adquiriu, com predominância, aqueles traços, que, para o brasileiro, foram devidos, especialmente, ao isolamento e às grandes distâncias. A falta de comunicações gera no homem a convicção de que deve contar consigo mesmo, que o cuiabano sempre cultivou, com suas manifestações mais expressivas de coragem e bravura. É essa também a origem do coronelismo, que ali predominou por muito tempo, de que ainda restam vestígios.

Outra característica é a hospitalidade já mencionada. O forasteiro é sempre bem recebido, como traço de união com outras terras, o portador de notícias, de que é ávido quem vive em isolamento. Mas essas hospitalidades bem temperadas de suspicácia. É sentimento ambivalente. Pois se o desconhecido é bem-vindo, tratado com polidez, isto não significa ter obtido logo de início, como uma dádiva, o afeto e a confiança de todos. Isto só se conquista com o tempo, mediante prova de honestidade,

Esses traços marcaram fundamente o cuiabano. Mais do que uma designação gentílica, cuiabano *"tomou acepção mais ampla, para envolver quantos se lhe afeiçoassem à mentalidade peculiar, capaz de realizar o milagre de conservar a flama civilizadora no recesso dos sertões, desprovido longamente de comunicações com o exterior"* (Virgílio Corrêa Filho - Pantanaís Mato-Grossenses, pág. 162).

4 - O MINEIRO E O CUIABANO

As considerações anteriores sugerem certas semelhanças entre o mineiro e o cuiabano. O mineiro tem inspirado vasta literatura e se singulariza por alguns traços peculiares. A título de exemplo, lembraremos os magníficos perfis traçados por dois vultos eminentes da intelectualidade mineira, citados por Murilo Badaró no livro "Reforma e Revolução" (págs. 29 e 40, respectivamente).

De Anibal Machado:

"É homem que nunca se precipita. Para não passar pelo vexame de recuar, depois. Se evita fazer afirmações é para expor-se menos as contradições. Nunca se espalha, silencia, concentra-se. Discreto e cauteloso, raramente diz "sim" ou "não" categóricos; prefere o "vamos ver" protelatório e reflexivo. Relutante em confiar; sem reserva, quando confia"

E Silvio Vasconcelos:

"Por isso o mineiro é duplo e antagônico. Em sua inércia dá um boi para não entrar na briga, mas suas ancestralidades o levam a doar boiadas para não sair dela, quando a ela se obriga. Por isso é triste sob o peso da decadência invencível e ensimesmado pela falta de horizontes que lhe são negados. De uma bondade natural, que lhe vem das singelas aldeias lusitanas, de uma crueldade sem limites absorvida nas feras lutas empreendidas. Rústico por origem e por acomodação ao ruralismo, a que se recolheu, quando do esgotamento das catas; polido ao extremo e gentil, pela experiência urbana do século aurífero. O mineiro do campo e da cidade erra na linguagem, mas conserva laivos do classicismo arcaico em suas frases. incoerente em si mesmo, o mineiro se fecha, protege-se de mutismo e se nega à extroversão. Sua comunicabilidade é mínima, afogada que foi em sucessivas experiências mal sucedidas e desilusões reiteradas. A não ser obedecido, recusa-se a dar ordens, a não ser compreendido, exime-se de explicações".

Essas características aproximam o cuiabano do mineiro. Ao cuiabano, como ao mineiro, não é fácil ludibriar, porque sob a impressão de candura, põe-se de pé atrás com os impostores que intentam abusar de sua aparente boa fé. O cuiabano e o mineiro não compram bondes, apesar da lenda forjada contra este último.

Ademais, o cuiabano sabe vingar-se daqueles com quem não simpatiza. Na sua fala mansa esconde-se deliciosa capacidade de humor. Ora é um apelido bem posto, ora é uma pequena armadilha em que o indivíduo se coloca em posição de lamentável ridículo, e assim por diante.

Pau rodado é como os cuiabanos chamam genericamente aos de fora, que não lhes agradam. A designação é antiga, do tempo em que só havia comunicação fluvial, sendo Cuiabá o último porto. Pau rodado iria, assim, contra a corrente. É o que os forasteiros nunca puderam compreender. Comumente, porém, são todos bem-vindos, e advertidos cordialmente, ao chegarem: "Não comam cabeça de pacu!" O delicioso peixe resume o atrativo máximo da "agarrativa terra": os que provarem de sua cabeça jamais sairão de lá.

A astúcia e a picardia atingem o mais elevado grau, nas lutas político-partidárias. De um Presidente da Província se conta que, após sofrer toda a sorte de picuinhas e dissabores, desabafou, ao embarcar no vapor que o levaria de volta à Corte:

- Adeus, cuiabanada: Vocês, de besta, só têm a cara.

O próprio marechal Floriano Peixoto, quando presidiu a Província, não ficou imune às maquinações políticas do cuiabano. É desse período um caso ocorrido em época de eleição, quando se tramou em Palácio o furto de um livro de atas do distrito de Chapada, secção onde o Governo esperava perder.

Despachados alguns cavaleiros para esse fim, encontraram eles o portador do livro, que saiu a correr. Foi fácil agarrá-lo, tomar-lhe o livro e transportá-lo para o Palácio do Governo. Aberto, porém, verificou-se estar completamente em branco: o livro verdadeiro tinha sido levado, às escondidas, ao cartório mais próximo, para o devido registro, como permitia a Lei. Referindo-se a esse fato, no auge da Revolução da Armada, Floriano dizia ter sido logrado apenas uma vez na vida: por um matuto de Mato Grosso.

5 - FESTAS E TRADIÇÕES

Cuiabá cultivou muitas das festas e tradições coloniais, comuns a outras regiões do País. Dentre elas, manteve até há pouco tempo as cavalhadas e touradas e ainda mantém algumas festas religiosas, como a do Senhor Divino e de São Benedito, sempre animadas. Os festejos de São João, tradicionalmente por várias pessoas, em diferentes bairros da cidade, perderam a animação de outrora, quando, além do mais, tinham uma peculiaridade: a lavagem do Santo. Em meio à folgança, saíam todos em estrepitosa procissão, entoando cânticos alusivos à data, rumo ao rio Cuiabá ou ao córrego da Prainha, onde o Santo recebia piedosa ablução.

Mas, de todas as festas antigas, foram as touradas as de maior singularidade. O Campo d'Ourique, onde se realizavam, atraía praticamente toda a população.

As touradas cuiabanas tiveram origem nas velhas corridas de touros portuguesas, quando eram verdadeiramente sangrentas. Em Cuiabá, adquiriram feição própria e passaram a integrar o complexo pecuário da região. Da ancestral nobreza só ficaram a indumentária do toureador - sobrecasaca encarnada - e seu cavalo bem ajaezado. No mais, eram vaqueiros que adquiriam destreza e coragem na longa vivência com as lides de fazenda. Luxo havia nos espectadores, mulheres principalmente, que aproveitavam a festa para exibição de chapéus e vestidos caros.

As touradas eram o coroamento das festas do Senhor Divino. Estendiam-se durante três e, às vezes, quatro tardes.

A arena era um quadrilátero cercado de madeira, ao longo do qual se construíram os camarotes - palanques cobertos de pano colorido. Isto para os de maior posse. A arraia miúda aboletava-se nos poleiros, isto é, em baixo dos camarotes, ou, onde não os havia, na cerca, ao sol.

O toureador, a cavalo, era assessorado por outro cavaleiro - o jacuba - que lhe fornecia as lanças, oferecia, em seu nome, as sortes e as cobrava. Havia também os capinhas, de jaqueta encarnada e calça branca, e, por fim, os máscaras, fantasiados de maneira diversa, quase sempre grotescamente.

Os capinhas e os máscaras ofereciam e cobravam as próprias sortes. Eram estas de aceitação obrigatória, sob pena de vaias dos espectadores.

O toureador e os capinhas, geralmente oriundos de fazendas, podiam cumprir a tradição de enfrentar o touro com galhardia. Já os máscaras, recrutados entre rapazes da cidade, era facultado correr do touro, e tinham por

função mais divertir a assistência, com sua pantomimas, que tourear.

A primeira sorte cabia ao toureador, sempre a cavalo. Com sua comprida lança em riste, fazia-se acompanhar de um capinha, que escolhia no momento, cuja função era atrair o touro com sua bandeira vermelha.

Geralmente, a sorte se dava à porta do curro, ao investir o touro contra o capinha, à sua frente, o qual se desviava, enquanto o toureador procurava embeber sua lança no pescoço do animal. À menor pressão que fosse, a lança, que era torneada, se quebrava e estava feita a sorte. mas, às vezes, o touro frustrava o lance, na primeira investida e nas seguintes em que o toureador o buscava, sempre com o capinha ao lado. Nesses casos, era ele obrigado a apear, como o era também em defesa do cavalo porventura atingido, ou do capinha. Era essa a tradição, embora em contrário a um velho refrão popular:

Toureador vai apanhar...

Capinha vai descobrir...

O público acompanhava, com interesse, esses lances, e, não raro, procurava-se influenciar o toureador. Eram, então, milhares de vozes a gritar:

- Apeia, êia, êia...toureador! Apeia, êia, êia...

Quando a pé, o toureador ia sozinho, armado de uma garrocha longa e bem enfeitada, guarnecida de enorme ferrão.

Após o toureador, entravam os capinhas, que se valiam de uma garrocha pequena, que procuravam deixar dependurada no pescoço do boi, através da farpa. A bandeira vermelha que cada um portava servia para enfurecer o touro e também para maior defesa, pois dispunha de um ferrão quase tão grande como o da garrocha do toureador.

Depois de picado obrigatoriamente pelo toureador e pelos capinhas que desejassem fazê-lo, e quando já bem cansado, era o touro entregue aos máscaras.

Essa expressão entrou para a linguagem coloquial cuiabana. Quando alguém chega ao extremo da desmoralização, ou do desânimo, diz-se que está "entregue aos máscaras".

As touradas cuiabanas duraram até os últimos anos da década de vinte. Quiseram ressuscitá-la mais tarde, sem resultado. Desapareceram ante a mudança dos costumes e, em parte, por causa da Lei de Proteção aos Animais, que as proibiu em todo o País.

6 - CONCLUSÃO

Em suma, Cuiabá desempenhou função histórico-cultural de grande magnitude. Concorreu também durante muito tempo, para a integração psicossocial de uma vasta região. Constituiu uma daquelas “ilhas de cultura”, a que se refere Fernando de Azevedo, marcando, na paisagem natural, o esforço constante do homem, para a posse do meio e a utilização das forças da natureza. *“E se nos lembrarmos ainda que esse esforço se desenvolveu através de gerações, por populações e disseminadas pela imensidade territorial, e que tudo, na natureza, conspirava para lhes embaraçar a marcha e fazê-las recuar, teremos então uma idéia mais viva da grandeza dramática do trabalho humano que se realizou e, em vez de se amesquinhar, só avulta da grandeza de seu quadro geográfico”* (Fernando de Azevedo, *op. cit.* pág. 56).

Essa foi a missão política e histórico-cultural que coube a Cuiabá, como os outros núcleos populacionais, na constituição da nacionalidade brasileira. Nessa longa trajetória, não houve decadência, conforme já foi asseverado - e até por conferencista erudito, em ambiente seletivo - num raciocínio exclusivamente em termos econômicos, com esquecimento de outros valores também relevantes. O que houve não foi a decadência mas resistência a obstáculos de toda ordem, que costumam aniquilar ânimos menos resolutos. Esse esforço de mais de dois séculos e meio permitiu que Cuiabá concorresse para consolidar a integração política e social da nossa nacionalidade, numa vasta porção do território brasileiro. E tudo leva a crer que aquela heróica gente poderá cumprir sua nova destinação histórica - de ajudar na ocupação dos imensos espaços vazios da Amazônia.